



SENADO FEDERAL

SENADOR
PEDRO SIMON

SER
FRANCISCANO
NO MUNDO DA POLÍTICA

BRASÍLIA – 2008

“Pela minha experiência de trabalhar com pessoas pobres, estou totalmente convencido de que elas podem, por elas próprias, sair da pobreza, se lhes dermos as mesmas oportunidades similares às que damos às outras. Os pobres, eles próprios, podem criar um mundo sem pobreza. Tudo o que temos de fazer é libertá-los das correntes que nós próprios lhes colocamos.”

Muhammad Yunus, Prêmio Nobel da Paz, criador do “Banco dos Pobres”

SUMÁRIO

	Pág.
Apresentação.....	7
1. Ser franciscano no mundo da política.....	18
2. Carta de Brasília	33
3. Anexo: Programação da Celebração Latino-Americana e Caribenha do 8º Centenário do Carisma Franciscano...	37

APRESENTAÇÃO

Nos tempos de São Francisco de Assis, havia um local chamado Porciúncula, onde os seus seguidores se reuniam para discutir os destinos da irmandade. Já eram muitos, e aos primeiros discípulos de Francisco se juntaram outros que acreditavam nos seus ensinamentos, muitos deles antigos nobres, advogados, estudantes e professores. Um destes encontros, inclusive, chegou a reunir cinco mil frades e, ali, parece ter acontecido um novo milagre da multiplicação dos pães. Embora a pobreza franciscana, todos foram saciados, sem que houvesse tido uma previsão de alimentos para tanta gente. Estes discípulos já se espalhavam por todos os lugares, e buscavam, nestes encontros, a orientação comum para a sementeira dos princípios pregados e, principalmente, vividos por São Francisco de Assis.

Pois bem, no período de 16 a 19 de outubro de 2008, Brasília se transformou numa espécie de “Porciúncula” dos nossos tempos, para a Celebração Latino-Americana e Caribenha do 8º Centenário do Carisma Franciscano. O lema, “Reviver o sonho de Francisco e Clara de Assis no chão da América Latina e Caribe”. Mais do que uma comemoração, o encontro constituiu-se, também, em

uma oportunidade das mais significativas para se discutir o chamado “franciscanismo” nos dias atuais. Seguidores do legado de São Francisco de Assis que conhecem, em muito, as respectivas realidades locais, principalmente das populações que já vivem, na prática, muitas vezes por extrema necessidade, a pobreza, a miséria vivida por ele, no seu tempo.

O número de inscrições, apesar de tão significativo, limitou a participação no encontro, porque são mais de dois milhões os membros de ordens religiosas franciscanas, só no Brasil, que se somam a outros milhões de seguidores que poderiam, igualmente, contribuir com seus relatos de experiência vivida, bem a propósito do exemplo de vida de São Francisco, ou seja, o de que a prática é mais importante que a mera palavra. Quantos seriam os voluntários que poderiam relatar suas trajetórias de vida, neste continente de tantos “franciscanos”?

Durante todas as apresentações, foi marcante a constatação de que, passado tanto tempo, oito séculos depois da travessia terrena de São Francisco, ainda permanecem vivos os seus ensinamentos, não importa se, agora, semeados sobre realidades tão distintas daquela época.

Os temas em discussão foram os mais variados (vide programação no anexo). Juventude, Educação, Povos Indígenas, Ecumenismo, Exclusão Social são alguns exemplos. Tive a honra do convite para testemunhar a minha trajetória nos caminhos da fé e da política, com o tema **“Ser franciscano no mundo da política”**. Uma reflexão sobre os percalços entre os ensinamentos de São

Francisco de Assis, há oito séculos, e prática política, nos dias atuais.

Trago à luz, através desta publicação, o meu testemunho (capítulo 1), porque entendo estarmos vivendo um dos momentos mais importantes para a discussão, no plano político, dos princípios que nortearam a vida de São Francisco de Assis. Aliás, como eu afirmei no meu depoimento, o chamado franciscanismo deveria se constituir na referência maior para a prática da política, principalmente nos dias atuais. Uma ação verdadeiramente coletiva, acima de quaisquer interesses individuais e moldada pelos mais nobres sentimentos de humanidade, solidariedade, compaixão e amor ao próximo, longe de qualquer atitude que não se fundamente na ética e na construção da verdadeira cidadania.

O encontro não se configurou como um ponto de chegada. Ele teve, na verdade, uma conotação de travessia. A propósito, a celebração se encerrou com uma caminhada, até o Palácio do Planalto, onde foi entregue, ao Vice-Presidente José Alencar, a “Carta de Brasília”, versão atualizada da “Carta aos Governantes”, de São Francisco de Assis (capítulo 2). Naquele momento, o Vice-Presidente brasileiro representava, quem sabe, os primeiros mandatários de todos os países do planeta. E, aqueles caminhantes, todos os povos da terra. Essa mesma carta, embora fundamentada na situação atual do mundo, tem olhos voltados para o futuro. Uma mudança de posturas, como também preconizou São Francisco.

Eu, muitas vezes, me pergunto como viveria São Francisco de Assis nos dias atuais. Digo muitas vezes, porque me aguça a reflexão sobre a vida e a obra deste santo, que foi considerado “o homem do segundo milênio”, todas as vezes que me invade a retina, na tela real ou na virtual, um exemplo de fome, de miséria, de barbárie e de desalento. E, como notícias deste tipo, sob o meu batente ou pela “janela” da televisão, são, cada vez mais, freqüentes, essa pergunta me assola a consciência com insistência igualmente reiterada.

O que faria ele se fosse contemporâneo de um bilhão de pessoas passando fome em todo o mundo? O que faria ele se assistisse, em tempo real, às toneladas de mísseis derramadas sobre populações inteiras, no Iraque, no Afeganistão, ou em qualquer outro canto ou recanto deste nosso mundo, muitas vezes “em nome de Deus”? O que faria ele se seus ouvidos fossem feridos pelos gritos de dor nas filas dos hospitais? O que faria ele se presenciasse tantos gatilhos e tantos rastilhos? O que faria ele se visse, a olho nu, a destruição da natureza idealizada por Deus, e que ele tanto amou, em nome da ganância e do lucro? O que faria ele se soubesse da venda de indulgências e de consciências?

Em princípio, eu imagino que não há como comparar contextos históricos tão diferentes. Se bem que estamos vivendo, hoje, ambiente de alguma similaridade com o tempo de São Francisco. Ele viveu em um momento de grandes transformações na economia, na sociedade, na Igreja e no poder de um modo geral. Foi

naquele tempo que a moeda passou a ter, efetivamente, a função de viabilizar o comércio, exatamente porque, também foi lá que a nobreza deu lugar a uma nova categoria de poder ligada ao comércio de mercadorias. O seu pai era, inclusive, um dos representantes desta nova classe social dominante.

O que se vê, hoje, é, também, uma verdadeira supremacia do poder do dinheiro, a ponto de provocar grandes turbulências em todos os segmentos da vida, quando a ganância extrapola os limites do que se poderia chamar de “bom-senso”. A defesa do dinheiro enquanto poder fala mais alto, por exemplo, que a produção de alimentos e o seu contraponto mais cruel: a fome.

Trilhões de dólares são destinados, a título de “risco sistêmico”, para o sistema financeiro, enquanto parcelas infinitamente menores de recursos são negadas para produzir o que falta nas mesas de seres humanos que não possuem um mínimo necessário à própria sobrevivência. Morrem, como diria o poeta, “de fome, um pouco por dia”. Um bilhão de famintos, sem que a crueldade deste fato seja considerada, igualmente, como “risco sistêmico”. Não há risco sistêmico para quem morre “de emboscada, antes dos vinte”, ou de “velhice, antes dos trinta”. Aliás, trinta bilhões seriam necessários para dobrar a produção de alimentos em todo o planeta, muito menos, portanto, que os mesmos trilhões desviados dos “contribuintes”, para os bolsos de quem produziu, exatamente, os tais “riscos”.

Não se pode negar que não é simplista uma transposição, no tempo, de como São Francisco atuaria, nos dias atuais. Há um novo contexto nas ciências sociais, na economia, na antropologia, na tecnologia, na política, no Direito, na vida, enfim. Como ele, eu não poderia transportar, pura e simplesmente, para o tempo atual, outros exemplos de vulto na história mundial, do bem e do mal, como Napoleão, Ghandi, Hitler, Luther King, ou outros.

Mas, de repente, eu percebo que existe muito dos traços de personalidade destes vultos históricos, presentes nos líderes dos dias atuais. Há muito de “Hitler”, por exemplo, em quem manda despejar os tais mísseis sobre populações inocentes, sem demonstrar qualquer tipo de compaixão e pudor. Em nome do poder, apenas. Quantos serão, igualmente, os “Napoleões” dos nossos tempos? Igualmente, há muito de Luther King, ou de Gandhi, em quem, perseverante, ainda semeia a paz, em meio a tamanha barbárie.

Contudo, eu não vejo, em tantos anos de história, um personagem que tenha permanecido com tamanha influência, para o bem, nos princípios de vida da humanidade, como São Francisco de Assis. Não é à toa que ele foi chamado o “homem do segundo milênio”. Tenho certeza de que ele continuará recebendo o mesmo reconhecimento, neste e nos milênios que virão. Menor, como ele sempre quis ser, tornou-se o maior de todos os exemplos. Diria que ele é menor, apenas, que o próprio franciscanismo, exatamente porque a semente que ele plantou gerou ár-

vores frondosas de solidariedade, de compaixão e de amor ao próximo.

É muito fácil perceber São Francisco de Assis, nos dias atuais. Ele está presente em todo trabalho voluntário em nome dos mais desvalidos em todos os lugares do planeta. Que exemplo mais voluntário poderia existir, como o de alguém que, tendo tudo, “de mão beijada”, abriu mão deste mesmo tudo, para viver tal e qual, e beijar as mãos, muitas vezes leprosas, de quem não tinha absolutamente nada? Como não reconhecer, então, este mesmo modo franciscano de viver, naqueles que, hoje, dedicam suas vidas aos miseráveis, aos doentes e aos deserdados pela vida?

Eu vejo São Francisco, por exemplo, nas APAEs. Nas Santas Casas. Nos “Anjos da Noite”. Nos Médicos sem Fronteiras. Nas iniciativas voluntárias junto aos infectados por doenças transmissíveis. Eu vejo São Francisco em todos os asilos, cuidando de quem nada mais tem que um fiapo de vida. Nas creches, iluminando a esperança de tantas crianças cujo futuro ainda é um caminho a ser trilhado. Nas famílias que adotam os filhos deserdados pela loteria da vida. Eu vejo São Francisco em todos os que, voluntários, dão de comer a quem tem fome, de beber a quem tem sede. Em todas as ações que constroem a cidadania dos povos. Eu vejo São Francisco, enfim, em todos os semeadores da semelhança entre os homens, criados por Deus à Sua imagem. E, igualmente, à Sua semelhança. Portanto, para que todos os homens retornem ao projeto idealizado pelo Criador.

São Francisco recebeu a incumbência de restaurar a Igreja. No início, imaginou ser uma igreja física, localizada no tempo e no espaço. Ao perceber que não se tratava, apenas, de uma igreja de tijolos e telhas, transformou-se em um revolucionário, na sua época. É essa, quem sabe, a visão que se deve ter dos franciscanos dos nossos dias. São Francisco, hoje, também se insurgiria contra as estruturas de poder que priorizam, apenas, a ganância do lucro. Continuaría sendo um revolucionário, portanto.

É evidente que igrejas como a de São Damião, da sua época, necessitam ser (re)construídas, nos dias atuais. As igrejas enquanto estruturas físicas são, e sempre serão, necessárias à disseminação do evangelho. Mas, hoje, mais que como no tempo em que viveu Francisco, há uma Igreja a ser restaurada, na consciência dos povos, principalmente daqueles que exercem algum tipo de poder.

A preocupação com a obtenção de bens materiais, tal e qual a igreja física, de tijolos e telhas, tem ocupado, cada vez mais, as consciências das pessoas. Há uma verdadeira sanha pelo ter, sem que ela tenha sido acompanhada pela devida busca pelo ser. Ao contrário. Há uma verdadeira avalanche de pressões e informações no sentido de que verdadeiramente “é”, aquele que “tem”. Não há limite nesta busca pelo ter. Há, sempre, algo mais a se alcançar, em termos materiais. Neste sentido, torna-se cada vez mais distante a diferença entre quem tem e quem pouco, ou nada, possui. As disparidades na distribuição pessoal e regional de renda nunca foram tamanhas, como hoje.

Se a busca pelo ter fosse acompanhada, em igual ou maior medida, pelos sentimentos de solidariedade e de compaixão, certamente, seria outra a realidade. Não haveria tamanha disparidade e, quem sabe, nem mesmo, fome no mundo. Isso aconteceria se o ser humano tivesse uma consciência mais coletiva. Mas, o que acontece, na prática, é exatamente o contrário. Ele, nesta busca frenética pelo ter, é, cada vez mais, individualista. Ele não é mais um igual, nem mesmo um semelhante. Tornou-se um concorrente. É ele, no lugar de alguém, para não ser alguém, no lugar dele. Ele tem que ser mais, e para isso tem que ter, também, cada vez mais. Na sua percepção, materialista e individualista, se distribuir, terá menos e, conseqüentemente, será menos. Pior: nesta concorrência para abocanhar cada vez mais, adquire a avaliação cruel de que, quem tem menos, é-lhe um peso na sua busca pelo ter. Coloca o semelhante, ainda que não lhe seja concorrente, na conta do passivo.

Os espaços públicos perderam lugar. Era ali que se desenvolviam as relações sociais, que incluem sentimentos de solidariedade. As relações sociais predispunham a reciprocidade. Hoje, estes mesmos espaços públicos foram trocados pelas novas “ruas”, que se constituem nos corredores dos shoppings centers, iluminados, agora, pelos “postes” das vitrines coloridas, verdadeiros apelos pelo “ter”.

Neste verdadeiro “encolhimento” da vida social, o homem, contraditoriamente, se conecta com o mundo, através do computador. Mas, numa relação “fria”, soli-

tária, entre quatro paredes. A informação lhe chega pela tela, do computador ou da televisão.

É neste contexto que perderam espaço a família, a escola e a igreja. A desagregação destas três instituições se dá, também, na busca pela sobrevivência. É cada vez maior, por exemplo, o número de pais que necessitam se ausentar, muitas vezes por longos períodos, para buscar mínimos de sobrevivência. As crianças, também cada vez mais, crescem sem a companhia da família. Toma lugar, então, a televisão. Hoje, as crianças passam mais tempo frente a uma tela de TV, do que sentadas nos bancos escolares. Pior: mais que com o convívio da família. São “educadas” pela televisão.

Ocorre que a televisão é, hoje, o principal instrumento para incitar o “ter”. A programação é mero chamariz para que o telespectador adquira a “moda”. Ela, cada vez menos, educa.

Portanto, hoje, não há mais, somente, uma igreja a ser reconstruída, como na mensagem ouvida por São Francisco de Assis. Ele, agora, certamente, ouviria uma voz a lhe orientar que há uma família, uma escola e uma igreja a serem restauradas. É essa a voz que tem que ser ouvida pelos franciscanos de hoje. Não só uma família com o mobiliário mais completo. Não só uma escola com a mais sofisticada tecnologia. Não só uma igreja de tijolos e telhas. Há que se ter uma família, uma escola e uma igreja moldadas pelos princípios franciscanos da solidariedade, da compaixão, do amor ao próximo, da cidadania e da humanidade. Uma construção de valores e de novas referências de vida, na sua plenitude.

Neste sentido, o verdadeiro franciscano de hoje, aos moldes que, imagino, seria São Francisco de Assis, se visse os nossos tempos, será sempre revolucionário, como ele foi à sua época. Nada mais franciscano, nos nossos dias, do que insurgir-se contra a corrente do “ter”, no seu sentido quase que único do “material”. Há, novamente, uma voz a conclamar os franciscanos deste início de século XXI: “não vês que a minha igreja, a minha escola e a minha família estão em ruínas? Vá, e restaure-as, para mim”. É preciso, portanto, entender que não se tratam, novamente, apenas, de família, escola e igreja materiais. É preciso entender, também, como observará no meu testemunho, transcrito a seguir, uma política a ser reconstruída. Mais uma vez, não uma política somente de palavras, mas de ação efetiva, a exemplo da grande obra de São Francisco de Assis.

1. SER FRANCISCANO NO MUNDO DA POLÍTICA*

Ser franciscano no mundo da política, nos dias atuais, é marchar contra a corrente. Pelo menos da prática política. Nada mais coerente para um político que procura seguir o carisma franciscano: São Francisco, igualmente, optou, através da confissão e da prática religiosa, pela contramão da política, no seu tempo. Mais do que isso: ele tinha a opção, garantida, de viver na opulência, de usufruir da política daquela época, mas preferiu a humildade religiosa, que continuou, felizmente, tempos afora.

Eu não consigo imaginar, hoje, um mundo sem o legado de São Francisco de Assis. Mas, eu não vejo, também, na história, um momento em que fosse tão necessária a prática franciscana, como agora. Principalmente a prática franciscana no mundo da política.

Não há dúvida de que, no Brasil e na imensa maioria dos países, o discurso político tem fortes correlações com o franciscanismo. A ação, nem sempre. Na palavra,

* Senador Pedro Simon – Testemunho aos participantes da Celebração Latino-Americana e Caribenha do 8º Centenário do Carisma Franciscano – Brasília/DF – 17/10/2008.

a opção preferencial pelos pobres. Na prática, a ação preferencial pelos nobres. Está aí, quem sabe, espelhando-se no exemplo de vida de São Francisco, a chave mestra para a disseminação do carisma franciscano no mundo da política: fazer aproximar o discurso da prática.

A principal característica de um franciscano, fora ou dentro da política, é a sensibilidade. Ser capaz de compartilhar a dor do semelhante. Incluir-se no projeto divino da criação, não apenas como um indivíduo, isolado, como se este mesmo projeto se resumisse, apenas, ao sexto dia. Ou, pior ainda, ao sétimo. A dedicação de São Francisco de Assis às plantas, aos animais, ao sol, à lua e às estrelas é o melhor ensinamento de que o homem tem que se imaginar integrado na natureza idealizada pelo Criador.

Eu entendo que é possível, mantidas as devidas proporções, fazer um paralelo entre o mundo atual e o momento histórico vivido por São Francisco de Assis. Isso é importante para que a gente possa refletir como é possível ser franciscano no mundo da política, nos dias atuais. Como uma história que aconteceu há oitocentos anos pode se constituir, ainda, passado tanto tempo, de referência para explicar e, sobretudo, para orientar a ação verdadeiramente política, em favor de toda a população, principalmente dos mais pobres.

A época de São Francisco foi um momento de grandes mudanças no que podemos chamar, agora, de “economia”. Foi o tempo em que a moeda adquiriu a função nos moldes que conhecemos hoje. Essa mudança também refletiu na política da época. Houve uma profunda alteração

no perfil do poder vigente naqueles tempos. Os senhores feudais deram lugar a uma nova classe dominante, ligada ao mundo dos negócios, ao mercado, ao domínio das cidades sobre a nobreza do campo.

A Igreja da época também não fugia a essas transformações. Ela demarcava o seu poder exatamente pela posse de bens materiais. Para isso, os representantes da Igreja eram, muitas vezes, mais guerreiros que missionários. Havia, inclusive, uma supremacia dos papas sobre os reis. Imagine-se, então, São Francisco de Assis, com sua pregação de humildade, de solidariedade e de pobreza, neste mundo material, de opulência.

É bastante evidente que, em proporções maiores, o nosso momento também é de grandes turbulências no cenário econômico, que vem de muito antes da atual crise. Isso tem mudado, também, o perfil da política, do poder. Hoje, não há dúvida, por exemplo, da supremacia do capital financeiro nos destinos da economia, da sociedade e, conseqüentemente, da política.

Como, então, ser franciscano, neste mundo da política? Como pregar e, sobretudo, exercitar, a humildade, a solidariedade e o amor ao próximo, em um mundo que se constrói, cada vez mais, a partir de interesses materiais e, sobretudo, financeiros? Como, onde e o que ouviríamos de São Francisco, se ele vivesse nos nossos dias?

Hoje, assiste-se a uma total mercantilização da vida, em todos os aspectos, inclusive na religião. O “ter” tomou, numa escala preocupante, o lugar do “ser”. Até al-

gum tempo atrás, era preciso ser, para ter. Hoje, a sociedade, mercantilizada, inverteu estes papéis: é necessário ter, para ser.

Isso dividiu o mundo em dois, separados por um muro de paredes virtuais, mas de alicerces bastante concretos, construído pelo mercado. De um lado, os que conseguem ultrapassar este muro, com o passaporte das mais renomadas grifes; de outro, os “excluídos”, nossos semelhantes, mas que são considerados, pelo mercado, o “lado escuro”. Os primeiros “têm”. Os segundos, nem chegam a “ser”, do ponto de vista dos que “têm”. Muitas vezes, são considerados como um fardo, algo pesado e custoso, contabilizados na “conta” do “passivo”. O mundo do mercado pratica, portanto, um franciscanismo às avessas.

São Francisco experimentou, também na sua época, os dois lados deste muro. Ele, que tinha vivido no lado da opulência, mudou, a partir de sua conversão, para uma vida marcada pela humildade e pelo total despojamento. Seu pai era um representante daquela mesma burguesia emergente, como grande comerciante de tecidos. Mas, Francisco optou por uma vida contrária a tudo o que estava acontecendo no seu tempo e, como decorrência, contra todos os representantes dessas classes, até então dominantes, ou emergentes. A história mostra que contra o seu próprio pai.

As suas ações o colocavam contra os antigos burgueses, contra a nova classe dominante e contra a Igreja ávida por posses. Em suma, ele se colocou contra o Poder. Não

é à toa que ele era considerado um “intruso” para todas essas classes civis e religiosas. Como contraponto, a nova classe dominante tentava ridicularizá-lo. O povo, influenciado, deixou de lhe doar, inclusive, os restos de comida. A Igreja, observando que o número de seus seguidores aumentava, cada vez mais, tentou burocratizá-lo, através de regras, ou enquadrá-lo numa ordem já existente.

É mais ou menos isso o que acontece quando alguém, hoje, se propõe cultivar, e difundir, princípios franciscanos no mundo da política. Há que se ter coragem, inclusive sabendo que se pode ser “ridicularizado”, tal e qual aconteceu com São Francisco. No mínimo, o que pode ocorrer é “uma pregação no deserto”. O discurso franciscano não combina com os interesses do mundo dos negócios. O lucro não tem pudor. Nem solidariedade. Na maioria das vezes, nem mesmo compaixão.

Na política, o que vemos, nos dias atuais, é algo bem parecido. O pudor não tem orientado as melhores ações, neste campo. Entretanto, tanto na economia, como na política, estamos vivendo uma época de grandes transformações, no Brasil e no mundo. Nos países mais desenvolvidos, a vitória de correntes que poderiam ser consideradas menos tradicionais. A eleição de Barack Obama, nos Estados Unidos, é um dos exemplos mais significativos desta mudança de perfil político. Quem diria, eleito em um país onde, pouco antes dele nascer, Rosa Parks, negra como ele, foi presa porque se negou a ceder lugar em um ônibus a um branco. O mesmo país, também onde, depois, recém-nascido o atual presidente eleito, um outro

negro, Martin Luther King, disse para milhões de ativistas pró-direitos civis: “eu tenho um sonho”. Agora, as lágrimas de contentamento do Pastor Jesse Jackson, que escorreram pelas telas das televisões de todo o mundo, são a prova mais que fiel de que a eleição de Barack Obama significa a realização do sonho de Luther King.

A América Latina também passou, nos últimos anos, por modificações profundas, em termos de representação política. O Brasil não fugiu à regra. Houve uma significativa alteração no perfil das nossas elites. Ela se renovou, e um novo segmento ocupou o lugar dos antigos “coronéis da política”. Neste cenário, no Brasil, também como exemplo, elegeu-se um presidente que saiu das classes menos favorecidas da população. Houve, então, uma grande expectativa de que, a partir daquele momento, teríamos uma mudança de postura política, no Brasil.

Mas, isso aconteceu, também, em um momento de, poderia dizer, total mercantilização da vida. Derrubou-se um muro e fortaleceu-se outro, agora com a argamassa do mercado. Diria mais ainda: instituiu-se uma espécie de novo-Deus, o deus-Mercado. É ele que dita as normas de procedimento, os valores, os costumes, os modos de vida. E a política foi atrás. Quem sabe, na frente.

Esse deus-Mercado criou, também, uma nova espécie de religião: o consumismo. Idem, uma nova “bíblia”: a globalização. Ai de quem não seguir os dogmas do consumismo: são excomungados pelos novos “sacerdotes” do deus-Mercado. Ridicularizados, excluídos, considerados, também, o “lado escuro do mundo”.

Isso provocou, igualmente, uma mudança radical de valores. O individualismo tomou o lugar do coletivismo. O homem passou a ser um, na multidão. Ele se conecta com o mundo, mas vive entre quatro paredes, como que um eremita por penitência ao consumismo.

O espaço público, onde as pessoas se integravam, deu lugar aos corredores dos shoppings centers, onde as pessoas buscam prazeres individuais, hipnotizadas pelo apelo ao consumo, sob pena de exclusão.

O “próximo” deixou de ser um semelhante, e se transformou em um concorrente. Pela vaga no emprego, na escola, no estacionamento e, até mesmo, na fila do hospital. É um, no lugar do outro, e não mais a soma dos dois.

Os pilares que sustentavam a formação das pessoas também se corroeram, em todo esse processo de mudança. A família, a escola e a igreja deram lugar, principalmente, para a televisão. Hoje, as crianças e os adolescentes passam mais tempo na frente da TV, do que nas salas de aula e das moradias e nas catequeses. O diálogo deu lugar ao monólogo. Os pais, professores e pastores já não são os principais educadores. A informação ocupou o lugar da formação.

Mas, o que chama mais a atenção é que a TV se transformou, também, em instrumento de “doutrinação” do “deus-Mercado”, com pressões, diretas e subliminares, pelo consumismo. Para que se transponha para o seu lado do muro, mesmo que seja através da violência. Não há

dúvida de que a barbárie é, na sua formação, fruto da perda de valores antes disseminados por aquelas três instâncias de formação e de educação.

Neste mundo de individualização, a política seguiu, também, os mesmos passos. Ela deixou de se constituir numa atividade com finalidades coletivas, para ser, cada vez mais, individual, ou de interesse de grupos. O político não pensa mais no povo enquanto coletividade, mas naquele que financiou a sua campanha, ou que poderá, ainda, fazê-lo. Pior, pensa em si próprio. Embora, ainda, com uma propaganda de “obra para o povo”, o seu esforço se dá no sentido do maior retorno para si, ou para os seus seguidores mais próximos. Há, portanto, um discurso e uma prática, transitando em mãos diferentes de direção.

É interessante, para ilustrar essa mudança, a própria orientação ditada na chamada “Oração de São Francisco”. Até um determinado momento, “é dando que se recebe” significava uma espécie de indulgência, para quem se doava pelo povo, principalmente os mais necessitados. O importante, neste ensinamento, era o “doar”. Hoje, a mesma frase passou a significar o contrário: o que vale, na mesma lição, é, muito mais, o “receber”. Não há que se doar. Tem-se que “receber”. Ou, se doa no discurso, e se recebe na prática. A ação não é mais aquela que beneficia um número maior de cidadãos que dela necessita, mas a que propicia maior retorno, financeiro inclusive, para o político que por ela decidiu.

Então, ser franciscano no mundo da política, nos nossos tempos, é, como São Francisco na sua época: marchar

contra o poder, agora em novos moldes. Um poder que se preocupa, individualmente, com bens materiais. Não mais com o bem coletivo, como se fazia política, há algumas décadas.

Quem faz política hoje, nos moldes franciscanos, corre o risco de ser, no mínimo, “folclorizado”, recebe a pecha de ultrapassado, de jurássico, extemporâneo. A política também criou, portanto, a sua “grife”. Quem não a usa, está “fora de moda”. É ilustrativa a experiência, quando se aborda, na tribuna do Senado, temas como humildade e solidariedade, princípios típicos do franciscanismo, portanto. Não há a devida repercussão interna. Entretanto, são os temas que mais instigam o recebimento de mensagens de todos os cantos e recantos deste país. Isso quer dizer que o discurso político se distanciou dos princípios franciscanos. Imagine-se, então, a prática.

Aí, então, vem à tona outro preceito vivido por São Francisco: a prática, e não apenas o discurso, a fala, a palavra. Ele dizia, inclusive, que a Igreja do seu tempo apenas pregava o evangelho. Mas, não o exercitava. Não há diferença, portanto, da política, nos nossos tempos. Uma distância maiúscula entre o discurso e a prática. Promete-se muito, para se atrair, cada vez mais, fiéis, denominados “eleitores”, mas pouco se faz, depois de eleitos. O discurso é coletivo, e a prática, individual.

São Francisco tinha o contraponto dos cardeais. Eram eles que alertavam o Papa sobre o perigo do crescimento de uma congregação que pregava o desapego às coisas materiais. Isso ia contra os interesses da Igreja da época. É,

também, algo parecido com o mundo da política, nos nossos dias. O discurso “franciscano” da humildade, da solidariedade, do bem coletivo e do amor ao próximo afronta a prática do compadrio, do interesse individual e de grupos. Portanto, na política, também existem os “cardeais”, que se travestem de “líderes”, de lobistas, de financiadores de campanhas, entre outros “representantes”. São eles os novos “cardeais” da política. Eles, igualmente, temem que um discurso de “sacerdócio na política” também estimule um grande número de seguidores, capaz de lhes empanar a prática do “dando, que se recebe”, agora num sentido antifranciscano.

O que fazer, então?

Talvez não haja referência melhor, para o mundo da política, que o franciscanismo. Aliás, São Francisco de Assis deveria ser o patrono da classe política, em todo o mundo. O político deveria abrir mão, ao contrário do que acontece hoje, de toda e qualquer idiosincrasia individual. Ele deveria ser, como concepção de vida, um ser eminentemente coletivo. A política como um verdadeiro sacerdócio, e não como realização pessoal, como status ou, pior, como instrumento de locupletação com dinheiro público.

São Francisco também teve a opção, até mesmo a “tentação”, de se isolar numa montanha, num lugar que lhe seria doado. Mas, ele preferiu continuar na sua pregação, junto ao povo.

É por isso que o universo clama, hoje, por uma nova conversão. Não do povo aos preceitos de São Francisco de Assis, porque ele já sobrevive, aos milhões, na miséria vivida por ele. A conversão ao franciscanismo, no caso, tem que ser dos seus representantes políticos, exatamente para que o povo não continue a viver na miséria, como São Francisco.

Hoje, o mundo tem mais de um bilhão de pessoas passando fome. É de uma profunda consternação as imagens veiculadas pela imprensa nos campos de miséria da África, do Haiti e de tantos outros cantos do planeta, principalmente nas periferias das grandes cidades. Não é **para** estes irmãos que temos que pregar o franciscanismo. É **por** eles. O mundo da política tem que se converter a princípios como os pregados por São Francisco, para que esses irmãos sejam incluídos na nossa mesa de comunhão.

Acho que não cabe, nos dias atuais, uma pregação, pura e simples, contra o **supérfluo**. Não há que se blasfemar contra o “deus-Mercado”. Seria algo assim como se insurgir contra “moinhos de vento”. Seria confundir personagens da literatura e da história. Nada contra se praticar, na política, além do franciscanismo, o “quixotismo”. Mas, eu creio que o melhor caminho seja, hoje, lutar pela melhor distribuição do **necessário**. Não há como conviver, ainda, com tamanha disparidade de distribuição de renda.

Não há como conviver com tantas crianças morrendo de fome, enquanto impera a opulência em, apenas, um

dos lados do mundo. No Brasil, quase a metade das famílias com crianças na primeira infância possui rendimento médio per capita de até meio salário mínimo. No mundo, duzentas milhões de crianças dormem, todos os dias, na rua. A fome já atinge, como disse, um bilhão de pessoas.

Numa visão otimista, como sempre foi a minha, é desta forma que eu vi, inicialmente, o Programa Fome Zero, no Brasil. Não só uma necessária distribuição de alimentos para quem passa fome. Para quem não tem absolutamente nada para comer. Eu vejo a experiência como uma enorme oportunidade de despertar os mais nobres sentimentos de solidariedade, muitas vezes existentes, mas adormecidos. De repente, parece que a população percebeu que havia uma multidão do outro lado do muro do mercado.

Foi assim que eu entendi a proposta do Betinho. Não só uma coisa imediatista e, muito menos, populista. Menos ainda para angariar eleitores e votos. Ao contrário, eu vi na idéia do Betinho um patamar inicial de construção da verdadeira cidadania. Que, numa etapa posterior, o tal muro, para essas populações, seria transposto, pelo menos quanto aos bens de primeira necessidade, adquiridos através do trabalho e do suor.

Mas, tal e qual em outros grandes problemas brasileiros, esses sentimentos afloram, quase que somente, nos momentos de comoção e de indignação. Uma grande catástrofe e a radicalização da violência, por exemplo. Além disso, o querer “ter”, cada vez mais, no lugar do “ser”, somado à necessária, e árdua, luta pela sobrevivência, im-

posta pelo mundo atual, ocupa, também cada vez mais, a energia das pessoas. Sobra, portanto, muito menos tempo para a prática da solidariedade. Menos tempo, inclusive, para o convívio familiar. É o mundo moderno dificultando a prática franciscana da solidariedade.

Portanto, não haverá melhores resultados de programas que incitem os sentimentos franciscanos, se eles forem concebidos, apenas, em momentos de “solução”. É por isso que o “carisma franciscano” é tão importante nos dias de hoje. É preciso, então, incutir, na sociedade como um todo, os princípios que fundamentam o franciscanismo, enquanto modo de vida, na sua essência, e não, apenas, como resposta a acontecimentos que causam comoção e indignação, mas que se tornam, quase sempre, sentimentos que se vão nas dobras das esquinas dos nossos esquecimentos.

Não há, também, que se esperar que o “mundo político” se converta aos princípios franciscanos. A “mercantilização” da política parece ser, igualmente, um caminho de difícil retorno. A permanecer a situação atual, as decisões políticas maiores sempre se voltarão, prioritariamente, para um lado do muro. Para o outro lado, quando muito, políticas compensatórias. Exemplo mais evidente, e atual, é a liberação de recursos para estancar a recente quebra dos mercados financeiros de todo o mundo. Foram trilhões de dólares, tomadas de imediato. Pois bem, para se dobrar a produção de alimentos no planeta, e matar a fome de mais de um bilhão, seriam necessários menos de trinta bilhões de dólares, valor relativamente tão

menor, que vem sendo reclamado há muitos anos, sem o merecido sucesso.

Desta forma, o carisma franciscano somente se disseminará de fora para dentro do mundo da política. E, ele deve ser resgatado a partir dos mesmos “pilares” que se corroeram nestes tempos de mercantilização, inclusive da própria política: a família, a escola e a igreja. Nenhum destes “pilares” se sustenta sozinho. Há que se resgatar, no diálogo familiar, na educação escolar e na evangelização, os valores que se perderam nestes tempos em que o mercado e o lucro ditaram as normas de conduta da população e dos seus representantes políticos.

Com certeza, haverá, aí, também, tentativas de ridicularizar esse discurso e essa prática. Haverá, como nos tempos de São Francisco, uma forte corrente contrária, ora para, aos moldes daqueles tempos, tentar burocratizar esse mesmo discurso, ora para seduzir os “seguidores” do carisma franciscano de hoje com adaptações que não impliquem em mudanças significativas na prática.

Há que se aproximar o carisma franciscano ao mundo da política. Como nos ensinamentos de São Francisco de Assis, é preciso unir palavra e ação. Despertar a solidariedade que mora no coração do ser humano, desde a sua concepção, e que se encontra hipnotizado pelos pêndulos do mercado. O franciscanismo é o contraponto do consumismo. É preciso resgatar o verdadeiro sentido do “ser” humano. Um ser criado por Deus, à Sua imagem e semelhança. Cumprir os destinos traçados por Este mesmo Criador: o trabalho, com o suor do próprio rosto. Não

como castigo por eventuais pecados originais, mas como um exercício pleno de cidadania. Quem sabe possamos, então, inverter o enunciado: não mais o “carisma franciscano no mundo da política”, mas “a política no mundo do carisma franciscano”.

2. CARTA DE BRASÍLIA



Celebração Latino-Americana e Caribenha do 8º Centenário do Carisma Franciscano

REVIVER O SONHO DE FRANCISCO E CLARA DE ASSIS
NO CHÃO DA AMÉRICA LATINA E CARIBE

17 a 19 de outubro de 2008
Brasília - Brasil

CARTA DE BRASÍLIA

Excelentíssimos Senhores Governantes

Francisco de Assis em seu tempo, movido pelo anseio de concretizar o projeto de Deus em relação a toda a criação, escreveu uma carta aos governantes. Hoje, nós da Família Franciscana do Brasil, da América Latina e do Caribe, reunidos na celebração dos 800 anos do nascimento do Carisma Franciscano, nos dirigimos aos Senhores Chefes de Estado e a todos os dirigentes e mandatários das nações do continente da esperança com a nossa saudação de PAZ E BEM!

Os franciscanos e franciscanas participantes deste congresso sentem-se honrados e felizes de serem filhos e

filhas destas terras exuberantes em riquezas naturais, com potencial de oferecer uma vida digna para todos os seus habitantes. Nossos povos refletem por todo esse chão uma diversidade étnica e cultural, manifestada na acolhida, solidariedade, alegria e capacidade de convivência, fruto da imensa riqueza humana de suas populações.

Oriundos de todos os cantos ouvimos dois pungentes clamores: um é o brado da Mãe Terra e outro a queixa lancinante dos milhões de irmãos e irmãs famintos, doentes, marginalizados, excluídos e condenados a morrer antes do tempo.

Há séculos, nos comportamos como exploradores da terra, não entendendo nossa vocação de cuidadores do Planeta. Hoje, os recursos naturais de nossos países estão sendo explorados e devastados indiscriminadamente, expulsando comunidades inteiras de suas terras em favor do latifúndio, destruindo a biodiversidade pelo uso abusivo dos transgênicos e biocombustíveis, ameaçando a segurança alimentar. Esse modelo de desenvolvimento perverso que contamina e destrói os recursos hídricos, a terra e o ar é o maior responsável pelo aquecimento global.

A ambição pelo poder e os lucros abusivos do mercado e da dívida externa têm como conseqüências o aumento da injustiça social, da marginalização, gerando extermínio de grupos indígenas, exclusão do povo negro e roubando de nossa juventude a perspectiva de futuro.

Nesta ocasião em que celebramos os 800 anos do nascimento do Carisma Franciscano, sentimo-nos co-

responsáveis e comprometidos com a ética e a justiça para que haja paz e vida em abundância. Outro mundo é necessário, urgente e possível! Esperamos, pois, que os anseios e as reivindicações dos nossos povos por seus direitos econômicos, políticos, sociais, culturais e ambientais prevaleçam sobre os interesses do sistema neoliberal.

Por isso, senhores governantes, em nome do Deus da vida, da memória viva de Francisco e Clara de Assis, e de nossa vocação à fraternidade, reivindicamos uma nova ordem sócio-econômica e política que priorize:

- Um desenvolvimento que respeite a dignidade de todas as criaturas;

- Uma economia solidária que valorize e promova a pessoa humana;

- Um autêntico processo democrático que assegure a auto-determinação dos povos e a efetiva integração continental;

E se atuarmos nesta perspectiva, com certeza, o sonho de Francisco e Clara e Assis se concretizará no chão da América Latina e Caribe, poderemos contar com as bênçãos de Deus.



Foto: Aluizio Gomes de Assis

Entrega da “Carta de Brasília” ao Vice-Presidente da República, José Alencar Gomes da Silva

ANEXO: PROGRAMAÇÃO DA CELEBRAÇÃO LATINO-AMERICANA E CARIBENHA DO 8º CENTENÁRIO DO CARISMA FRANCISCANO



Celebração Latino-Americana e Caribenha do 8º Centenário do Carisma Franciscano

REVIVER O SONHO DE FRANCISCO E CLARA DE ASSIS
NO CHÃO DA AMÉRICA LATINA E CARIBE

17 a 19 de outubro de 2008
Brasília - Brasil

PROGRAMAÇÃO

Dia 16

Chegada, recepção, credenciamento

DIA 17

08h00: ABERTURA: Irmã Vilani-Presidente da FFB

Moderadora da mesa: Irmã Maria Fachini

Animação: Grupo Franciscano

Composição da mesa

- **Oração inicial:** Região Nordeste

- **Saudação do Ministro Geral da OFMConv.**
- **Apresentação:** por Regionais do Brasil e países latino-americanos e caribenhos

09h30 – Pausa

10h00: CONFERÊNCIA: *Memória da presença e contribuição franciscana na construção da história latino-americana e caribenha* – Mário Cayota, Ordem Franciscana Secular – (Roma)

11h30: TESTEMUNHO – Franciscanos/as na defesa da Vida / Cláudio Fontelles,OFS ...

12h00: ALMOÇO – no local

13h30: ANIMAÇÃO – Grupo Franciscano

14h00: CONFERÊNCIA: *Dimensão profética do carisma franciscano:* Irmã Rosane Sturm, Franciscana da Penitência e Caridade Cristã – Brasil

15h15: TESTEMUNHOS: Ser franciscano no mundo da política – Senador Pedro Simon,OFS

15h45: Intervalo

16h00: ANIMAÇÃO – Grupo Franciscano

16h10: CONFERÊNCIA —*Mística – a chama acesa* – Frei Guido Zegarra,OFM – Peru

17h15: TESTEMUNHO: Ser menor entre os mais pobres – Irmã Margarete, Ordem de São Francisco – vivência entre os pequenos lavradores assentados

17h40: LANÇAMENTO DO SELO COMEMORATIVO

18h00: JANTAR – no local

20h00: CANTATA – *O Peregrino de Assis* – Teatro Nacional

DIA 18

08h00 – 12h00: OFICINAS

Moderador do dia: Frei Rubens

Obs: Oração nas Oficinas

- () Missão Francisclariana e a Juventude;
- () Missão Francisclariana e Justiça, Paz e Ecologia;
- () Missão Francisclariana e Educação Franciscana;
- () Missão Francisclariana e Política;
- () Missão Francisclariana e os Excluídos;
- () Missão Francisclariana e Questão de Gênero;
- () Missão Francisclariana e Negritude;
- () Missão Francisclariana e Povos Indígenas;
- () Missão Francisclariana, Contemplação, Expressão Corporal;
- () Missão Francisclariana, Ecumenismo e Diálogo Interreligioso;
- () Missão Francisclariana – Dimensão Lúdica;
- () Missão Francisclariana e Curso Básico Carisma Missionário Franciscano.

12h00: ALMOÇO

13h30: ANIMAÇÃO – Grupo Franciscano

14h00: APRESENTAÇÃO DAS OFICINAS

17h00: CONCLUSÃO DAS OFICINAS – Leonardo Boff

18h30: JANTAR

20h00: CELEBRAÇÃO FRANCISCANA – Países de fala espanhola

DIA 19

Moderador: Frei Gilberto Teixeira, OFM

08h00: CELEBRAÇÃO EUCARÍSTICA – Santuário Nossa Senhora de Fátima – Presidente – D. João Braz de Aviz, arcebispo de Brasília

Liturgia: Regional da FFB/MG

09H30: CAMINHADA PARA O PALÁCIO DO PLANALTO

- Entrega da Carta aos Governantes
- Palavra da Presidente da FFB
- Palavra do Presidente da República
- Palavra do Presidente do Senado
- Encerramento: Coordenadora do Congresso

12h00: Almoço

Despedida